

# CONSTRUÇÕES DO “EU” E DO “OUTRO” EM ATWOOD E MUNRO; REPERCUSSÕES NA RELEITURA DE SI MESMO, DO OUTRO E DE VALORES SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS

Elizabeth Harkot-de-La-Taille\*

## Introdução

Que a noção de “eu” concebe-se em mútua implicação com a noção do “outro” é ponto pacífico. Difícil imaginar hoje, início do século XXI, correntes teóricas ainda concebendo o homem como centro do universo, seu “eu” profundo, como um fato da natureza, que encontrará no agir maior ou menor chance de auto-descobrimto. No entanto, se nas ciências humanas tendemos a pensar o mundo de forma relacional, a fim de confirmar, negar ou buscar ampliar tal relação, no cotidiano somos permeados por mensagens, de diversas ordens, pressupondo a idéia de um “eu” molécula independente: “*Seja você mesmo!*”; “*Você tem a sua verdade, eu tenho a minha.*”; “*Fulano se descobriu.*”; “*Eu nasci assim, eu cresci assim, eu sou mesmo assim.*”<sup>1</sup> e assim por diante. Poucas vezes o dia-a-dia nos convida a considerar que nossas relações com outrem não apenas pressupõem, mas também constituem (levam a confirmar, reformular, questionar) nossa idéia de “eu” e do “outro”, a partir de nossas ações.

Pois é, mas o que nos move a agir? Nosso *querer*, evidentemente. É uma redundância dizer que só fazemos o que queremos e um absurdo afirmar o contrário, que fazemos o que não queremos: *sempre* fazemos o que queremos, pois escolhemos o que fazer, mesmo se não gostamos da escolha. Mesmo em situações de violência e constrangimento, temos alguma liberdade para escolher como agir (Savater<sup>2</sup>):

“No fundo, eles [os que negam a liberdade] pensam: “Ufa! Que peso tiramos de cima de nós! Como não somos livres, não podemos ter a *culpa* de nada que nos aconteça...” (...) Podemos achar que optar por certas coisas em certas circunstâncias é muito *difícil* (entrar numa casa em chamas para salvar

---

\* Professora Associada da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC-SP, com auxílio horas-pesquisa doutor, CEPE, PUC-SP.

<sup>1</sup> “Modinha para Gabriela”, de Dorival Caymmi.

<sup>2</sup> SAVATER, Fernando. *Ética para meu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.30.

uma criança, por exemplo, ou enfrentar um tirano com firmeza) e que é melhor dizer que não há liberdade para não reconhecermos que preferimos livremente o mais fácil, ou seja, esperar os bombeiros ou lambar as botas de quem está pisando em nosso pescoço.”

O *querer*, portanto, move-nos, por nossas ações. Seremos, então, totalmente “donos” de nosso *querer*? Seria o *querer* uma faceta – das mais importantes, aliás – desse nosso “eu”, latente, adormecido, esperando por ser descoberto por nós mesmos?

Esta pergunta nos remete a questões de identidade e de sua relação com a individualidade, que fogem ao escopo deste trabalho. Assumimos, para este fim, que “*la identidad es un fenómeno que surge de la dialéctica entre el individuo y la sociedad*”<sup>3</sup>, não um conjunto de características, *quereres* e *creres* estanques e incommunicantes, de um sujeito ou grupo. E que os valores subjacentes a tal dialética podem ser inferidos por meio da análise de *paixões* em torno da circulação da imagem de si de um sujeito, em um universo discursivo.

Este trabalho insere-se num projeto de pesquisa mais amplo, vinculado ao grupo de pesquisa “Discurso, Identidade e Cultura”(CNPq), sobre o estudo das *paixões*, em obras literárias, na base da construção, veiculação, manutenção e defesa da imagem de si de personagens. Os dados aqui apresentados decorrem do desenvolvimento do plano de trabalho “Vergonha, orgulho e honra no mundo simbólico de Alice Munro e em contos de Margaret Atwood”<sup>4</sup>, em que foram selecionadas e analisadas cenas veiculando o efeito de sentido de vergonha, orgulho ou honra, em 71 contos de Margaret Atwood e 56, de Alice Munro.

## **1. Paixões e objetos-valor**

O recorte que aqui imprimimos permite vislumbrarem-se, ao menos em parte, os valores assumidos, na construção das imagens de si, num dado universo discursivo. A

---

<sup>3</sup> BERGER e LUCKMAN (1986, 217), *apud* MANDOKI, Katya. “Aspectos conceptuales para el análisis semiótico de las identidades: las tres fases de la subjetividad”, trabalho inédito apresentado no II Congreso y V Coloquio de la Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso, (27-31/10/2003), Puebla, México, p.2.

<sup>4</sup> Desenvolvido por Vanessa da Costa Ferreira, no biênio 1999-2001, sob nossa orientação, com apoio PIBIC-CNPq.

delimitação das paixões deveu-se a estudos anteriores (Harkot-de-La-Taille<sup>5</sup>, 1999, 2001, 2002 e 2003; Harkot-de-La-Taille & La Taille<sup>6</sup> e La Taille<sup>7</sup>, 2002), em que tais paixões mostram-se marcadores privilegiados do jogo de tensões estabelecido entre sujeito (ou personagem) e universo discursivo, em torno da identidade do primeiro. Os valores subjacentes revelam-se positivos ou negativos, na forma do acolhimento, pela coletividade, das imagens de si veiculadas, por meio do agir e do sentir das personagens.

Na semiótica discursiva, os sujeitos se constituem na relação de junção com objetos-valor.<sup>8</sup> Há quatro tipos de relação possíveis: sujeitos em conjunção, em não-disjunção, em disjunção e em não-conjunção com objetos-valor. Os objetos-valor assumem valor positivo ou negativo. Aqui, privilegamos a perspectiva da proximidade do sujeito com o objeto-valor, nomeando sua relação como “associação” ou “dissociação”, e assumimos três tipos de objeto-valor: negativo, positivo e extra-positivo, este de valoração superlativa, na relação sujeito-grupo, no tangente à veiculação das imagens de si.

## 1. Vergonha

Em Atwood, contabilizamos 42 cenas de vergonha, sendo 16 cenas por associação com objeto de valor negativo; 9 cenas por dissociação de objeto de valor positivo e 17 cenas por dissociação de objeto de valor extra-positivo. Não ser visto positivamente é retratado em 26 das 42 ocorrências. A vergonha por transitividade, isto é, a vergonha sentida por outra personagem estar associada a uma imagem desvalorizada, é identificável em apenas 3 cenas.

<sup>5</sup> HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. *Ensaio semiótico sobre a vergonha*. São Paulo, Humanitas, 1999.

\_\_\_\_\_. “Vergonha, orgulho e honra nos contos de Margaret Atwood” In *Claritas*, São Paulo, v.7, p.09-31, 2001

\_\_\_\_\_. “A formação, a mudança e a identidade – a identidade em transformação.” In: GIMENEZ, Telma, *Ensinando e aprendendo inglês na universidade: formação de professores em tempos de mudança*. Londrina, ABRAPUI, 2003.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. & FERREIRA, V. da C. “Vergonha, orgulho e honra em Alice Munro e em de Margaret Atwood” In: VI Congresso Internacional de Estudos Canadenses – Transculturalismos (2001) Porto Alegre. Anais - ABECAN, 2002.

<sup>6</sup> HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. & LA TAILLE, Y. “A construção ética e moral de si mesmo”, *no prelo*.

<sup>7</sup> LA TAILLE, Yves. *Vergonha: a ferida moral*. São Paulo, Vozes, 2002.

<sup>8</sup> Para maior aprofundamento, sugerimos FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo, Contexto, 1990 e BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo, Ática 2001.

Em Munro encontramos, no total, 113 cenas de vergonha, sendo 77 de associação com um objeto de valor negativo; 30 de dissociação de um objeto de valor positivo; e 6 de dissociação de um objeto de valor extra-positivo. Percebe-se que ser visto negativamente é o mais freqüente instaurador de vergonha. Do total, 18 cenas são compreensíveis como vergonha por transitividade.

	<b>OV negativo</b>	<b>OV positivo</b>	<b>OV extra-positivo</b>	<i>Transitividade</i>
<b>Atwood</b>	38,1%	21,4%	40,5%	3,8%
<b>Munro</b>	68,1%	26,5%	5,3%	15,9%

**Fig. 1.** Porcentagem (valores arredondados) de ocorrência dos tipos de objetos-valor, na junção instauradora do efeito de sentido *vergonha*, e de vergonha por transitividade, em Atwood e em Munro.

As cenas de vergonha nos mostram que as personagens de Atwood tendem a se envergonhar quando dissociadas de uma imagem prezada (OV positivo + OV extra-positivo = 61,9%), sendo que a dissociação de um objeto de valor “ótimo” ou “superior” (40,5%) - não estar em destaque – é a origem mais freqüente do sentimento. Quanto a Munro, suas personagens envergonham-se, principalmente, quando associadas a um objeto de valor negativo (68,1%) - quando são “mal vistas”. A vergonha por transitividade é pouco freqüente em ambas, embora mais representativa em Munro; nos textos desta, três vezes superior ao sofrimento por dissociação de objeto-valor “especial” ou “superior”, o principal motivo de vergonha em Atwood.

Outra diferença é a qualidade do “outro”, nas cenas selecionadas: em Atwood, ele causa problemas, deve ser evitado, ou representa um perigo à imagem do “eu”; tende a ser deslegitimado pelo sujeito, enquanto juiz de sua imagem. Em Munro, o “outro” é um modelo, ou referência da qual o sujeito não se deve afastar, para não se envergonhar.

## 2. Orgulho

Em Atwood, 27 ocorrências de orgulho dividem-se em: 2, por associação com objeto de valor positivo; 17, por associação com objeto de valor extra-positivo; e 8 cenas de orgulho

ferido (relacionadas, essencialmente, à retirada de valor extra-positivo). Não foram encontradas cenas de orgulho por transitividade.

Em Munro, de 70 cenas, 23 são por associação com objeto de valor positivo; 23, por associação com objeto de valor extra-positivo; 10, por dissociação de um objeto de valor negativo; 3 cenas de provocação; e 11 de orgulho ferido. Consideramos provocação e orgulho ferido complementares, ambos relacionados, nesta autora, à retirada de valor positivo. Dez cenas são passíveis de compreensão como de orgulho por transitividade.

	<b>OV positivo</b>	<b>OV extra-positivo</b>	<b>OV negativo</b>
<b>Atwood</b>	7,4%	63%	-----
<b>Munro</b>	32,9%	32,9%	14,3%

	<b>Provocação</b>	<b>Orgulho ferido</b>	<b>Transitividade</b>
<b>Atwood</b>	-----	29,6%	-----
<b>Munro</b>	4,3%	(20,0%) 15,7%	14,3%

**Fig. 2.** Porcentagem (valores arredondados) de ocorrência dos tipos de objetos-valor, na junção instauradora do efeito de sentido *orgulho*, e de orgulho por transitividade, em Atwood e em Munro.

Vemos que, em Atwood, repete-se a maior frequência da relação com o objeto-valor extra-positivo (63%), como instauradora de orgulho, e observa-se a inexistência do mesmo sentimento instaurado pela dissociação de objeto de valor negativo. Em Munro, há maior equilíbrio na distribuição dos tipos de objetos-valor e orgulho por distanciamento de algo ou alguém desprezado socialmente.

Além disso, as cenas selecionadas chamam a atenção, em Atwood, para a relação com valores superlativos, inclusive nos exemplos de orgulho ferido. Ser “exclusivo”, “superior” mobiliza o sujeito orgulhoso em 92,6% das ocorrências. Em Munro, cerca de um terço das ocorrências traz um sujeito associado a um valor “bom” compartilhável, como o estar dentro da norma do grupo. Outro terço diz respeito a cenas relativas ao valor “extra-positivo”, valor que, nesta autora, não se restringe à exclusividade: de 23 cenas, 5 traduzem orgulho por

transitividade, o que desindividualiza o destaque; 8 retratam transgressores, orgulhosos por se diferenciarem, contra o grupo; e 10 trazem personagens “virtuosas” ou dignas de admiração. Logo, até aqui, têm-se somente 8 ocorrências em que o sujeito destaca-se individualmente **do** grupo, enquanto 15 o fazem, **dentro do** grupo. As cenas de orgulho ferido e de provocação (total 20%) fundamentam-se no não reconhecimento tanto do sujeito quanto dos valores que atualiza, no grupo no qual crê ou almeja participar. Finalmente, as de dissociação de um objeto de valor negativo trazem sujeitos orgulhosos, por exemplo, por não serem aproximados, pela coletividade, a alguém desprezado.

Retiramos dessas cenas que, por um lado, o grande valor motivador de orgulho, em Atwood, é a *exclusividade*. Em contrapartida, Munro remete-nos ao *pertencer* ao grupo. Tal idéia confirma-se na ausência de cenas, em Atwood, vinculadas à dissociação de objeto-valor negativo: seus sujeitos, ao terem sua imagem questionada, deslegitimam o “outro” que exerce tal juízo, transformam-no em adversário e passam a considerar o “ser mal visto por *x*” como um valor extra-positivo, para si mesmo. A censura do, agora, “anti-sujeito” passa a ser motivo de orgulho.

### 3. Honra

O tratamento da honra, em Atwood e Munro, corrobora as diferentes matrizes da relação “eu” – “outro”. Em Atwood, a idéia de honra surge em seu ataque e se associa ao orgulho ferido ou à vergonha; em Munro, honra, em parte dos exemplos, associa-se ao auto-respeito e, em outros exemplos, à necessidade de sua defesa, na busca de autonomia, em situações de rompimento. O olhar da primeira privilegia sua destruição, enquanto o da segunda, sua (re)construção.

Novamente temos, por um lado (Atwood), um “outro” ameaçador e, por outro (Munro), um “outro” referência. Neste caso, mesmo quando há conflito e questionamento da

imagem de si do sujeito, este opta por recuperar os valores de seu universo de partida, ainda que passando a viver em outro.

## Conclusão

As paixões analisadas fazem ecoar, *grosso modo*, dois tipos de relações *eu-outro*: em Atwood, há vergonha quando uma personagem “*had been one among many*”<sup>9</sup>, há orgulho ao estar acima de todos: “*It was like being God, only God had never got round to off-the-rack lines*”<sup>10</sup>. O “eu”, para ter valor, precisa ser amplamente reconhecido e aplaudido. Se isso não ocorre, instaura-se vergonha ou orgulho ferido e, de platéia, o “outro” se transforma em carrasco ou inimigo. Paralelamente, é digno de nota que os contos de Atwood retratam cidades grandes, cujas personagens, adultas, principalmente mulheres, estão em busca da própria felicidade, enleadas numa teia de relações superficiais e descartáveis, que não as satisfazem e se rompem por flutuações em humores alheios ou próprios, logo, imprevisíveis. E que deixam seu lugar para a solidão, a incompreensão, o desespero. O agir tem conseqüências, mas, na hora da decisão, pesa mais satisfazer-se de imediato, que medi-las. Assim, as personagens se cultivam, na busca de sua felicidade, uma vida solitária, embebida em malevolência e traições reais ou imaginadas, marcada por abandonos e novos recomeços. Se a honra é mais complexa, pois retrata personagens cuja vida está em cheque e a quem só resta combater pela manutenção de sua imagem, ou desintegrar-se, o que permanece, no entanto, é esse “outro” imprevisível, perigoso, na base da queda provocada.

Em Munro, por outro lado, o “eu” quer ser aceito e se sentir reconhecido pelo “outro”. Falhar nessa empreitada gera vergonha, acertar, provoca orgulho. O “outro” não é temível, as relações são mais duradouras e tendem a se romper quando há uma quebra no contrato social, por uma das partes. A quebra, no entanto, pode ser recuperável, pois as regras do grupo estão claramente, embora implicitamente, colocadas. O “eu” tem poucas possibilidades de se

---

<sup>9</sup> ATWOOD, M. *The man from Mars*. In ATWOOD, M. *Dancing girls*. Toronto: Seal Books, 1999, p.40.

destacar e o sucesso individual não é um valor perseguido. Quando ocorre, o grupo se mostra orgulhoso, mesmo se um tanto invejoso, desse sujeito.

O universo retratado por Munro, em seus contos, traz um mesmo núcleo de personagens, ao longo de três gerações, em cidades de porte médio. Um efeito de sentido de tal universo, com um sistema de valores relativamente fechado, estanque, é o de uma certa claustrofobia, na medida em que as personagens são levadas a conter seus anseios e se curvar, ou partir. O sentido de *honra*, nesses contos, é mais uma mostra da previsibilidade das relações: agindo conforme o sistema de valores vigentes, cria-se a garantia do respeito alheio. Não há, porém, possibilidade de liberdade para expandir tal sistema: é conter-se e pertencer, ou partir.

Tão diversos, tão distantes, simbolicamente, mas tão próximos, no tempo e em território, mostram-se esses dois enfoques da vida cotidiana canadense. Seriam, porém, apenas canadenses? O senso comum faz pensar que o cotidiano da cidade grande brasileira teria muitos traços em comum com o retratado por Atwood, enquanto o dia-a-dia das cidades pequenas e médias teria fortes pontos de encontro com o traduzido por Munro. Fica para uma outra pesquisa. Entrementes, retomando o *querer*, motor das ações, e como aquilo que se quer imprime suas características na relação eu-outro, no Norte ou no Sul, a Leste ou Oeste, enquanto o “outro” tiver de se curvar ao “eu”, como premissa em Atwood, ou o “eu” tiver de se dobrar ao “outro”, premissa em Munro, engessa-se o *querer* dos sujeitos e se reduz sua liberdade de escolha. A fim de ampliar a liberdade do sujeito, muito ainda pode-se aprender com Donne<sup>11</sup>, sobre a medida do valor do “eu” e do “outro”:

“No man is an *Iland*, intire of itselfe; every man is a peece of the *Continent*, a part of the *maine*; if a *Clod* bee washed away by the *Sea*, *Europe* is the lesse, as well as if a *Promontorie* were, as well as if a *Mannor* of thy *friends*, or of *thine owne* were; Any Mans *death* diminishes *me*, because I am involved in *Mankinde*; And therefore never send to know for whom the *bell* tolls; It tolls for *thee*.”

<sup>10</sup> ATWOOD, M. *Hairball*. In ATWOOD, M. *Wilderness Tips*. Toronto: Seal Books, 1998, p. 45-46.

<sup>11</sup> DONNE, John - Devotions, Meditation 17 in *John Donne - Selected Prose* - Penguin Books, London, 1987, p. 126 (grafia e grifos originais)